



*
MUNICÍPIO DE
PAREDES
ROTA DOS MÓVEIS

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PAREDES

QUADRIÉNIO 2013/2017

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL N.ª 3/14

2014/04/25



QUADRIÊNIO 2009/2013

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PAREDES,
REALIZADA NO DIA 25 DE ABRIL DE 2014

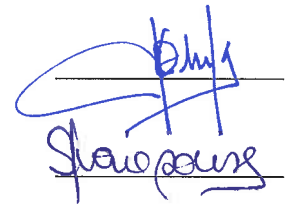
--- Aos vinte e cinco dias do mês de abril de dois mil e catorze, no Edifício dos Paços do Concelho, reuniu a Assembleia Municipal, sob a presidência do Excelentíssimo Senhor JOSÉ JOAQUIM LEITÃO DA MOTA, Presidente da mesma Assembleia Municipal, em substituição, secretariado pelos senhores deputados Ana Paula Monteiro Teixeira Gomes e Luciano Manuel Calheiros Gomes, respetivamente 1º e 2º secretários da Mesa da Assembleia Municipal a fim de, nos termos da convocatória se tratar da seguinte ordem de trabalhos: "PONTO ÚNICO - COMEMORAÇÕES DOS QUARENTA ANOS DO 25 DE ABRIL". -----

---Procedeu-se à verificação das presenças, tendo-se registado as ausências dos deputados Senhores: João Paulo Alves dos Reis e Andreia Joana Morris Mendes. -----

--- **PRESENCAS POR SUBSTITUIÇÃO: Ao abrigo do artigo septuagésimo oitavo da Lei número cento e sessenta e nove barra noventa e nove, de dezoito de Setembro, com as alterações introduzidas pela Lei número cinco traço A barra dois mil e dois de onze de Janeiro: JOAQUIM MOREIRA DE BESSA; CARLA CÂNDIDA PINHEIRO CARNEIRO; ANDREIA FILIPA MENDES SILVA; ADELINO RIBEIRO DA COSTA; SILVESTRE DA SILVA CARNEIRO; ANA CRISTINA SANTOS.** -----

--- **PRESENCAS POR SUBSTITUIÇÃO: Ao abrigo da alínea c) do número um do artigo décimo oitavo da Lei número setenta e cinco barra dois mil e treze, de doze de Setembro: AMÉRICO AUGUSTO MOREIRA GOMES.** -----

--- Verificada a existência de quórum, pelo Senhor Presidente da Mesa em exercício, foram declarados abertos os trabalhos, sendo dez horas e trinta e sete minutos. -----



1 - PONTO ÚNICO - COMEMORAÇÕES DOS QUARENTA ANOS DO 25 DE ABRIL

Tomou a palavra o senhor Presidente de Mesa, em substituição, dando a conhecer os membros em substituição que teriam que tomar posse para legalmente fazerem parte da sessão e da discussão dos assuntos, designadamente, Andreia Filipa Mendes da Silva, Adelino Ribeiro da Costa, Silvestre da Silva Carneiro, Ana Cristina Santos, António Pedro Mendes Gonçalves da Silva. Após a tomada de posse dos novos membros, agradeceu a sua presença, desejando votos de felicidades.-----

Seguidamente, lembrando a data que se comemora, convidou os senhores membros da Assembleia para, no final desta sessão extraordinária, verem a exposição de quadros em homenagem aos senhores Presidentes de Junta e senhores Presidentes da Assembleia Municipal Pós-25 de Abril, localizada no corredor de acesso ao Salão Nobre. Continuou, pedindo que se fizesse um minuto de silêncio, por todos os Autarcas falecidos, não deixando de nomear alguns dos que passaram pela Mesa da Assembleia: o primeiro Presidente da Assembleia, António Cardoso, Dias Campos e Albano Amaral, que foram grandes autarcas. Quis também homenagear os Presidentes de Junta por toda a sua dedicação, referindo que “quem não nasce para servir, não serve para viver”.-----

Após um minuto de silêncio, foi dito pelo senhor Presidente da Mesa, que passariam ao ponto único desta assembleia, às Comemorações do 25 de Abril, e que as intervenções iriam ser feitas do seguinte modo: breve introdução pelo Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, em substituição, seguida das intervenções dos representantes de cada bancada, partido ou coligação e terminará com a intervenção do senhor Presidente da Câmara.-----

Foi feita uma breve introdução pelo senhor **Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, em substituição**, seguida das intervenções dos Senhores membros da Assembleia Municipal, **Rui José Fernandes da Silva (CDS-PP), Cristiano Manuel Soares Ribeiro (CDU), Samuel António Leal Ribeiro (PS)**, que fazem parte integrante da



presente ata, e as intervenções do senhor membro da Assembleia, **José Manuel Barbosa Outeiro (PSD)** e do senhor **Presidente da Câmara**, que aqui se reproduzem.-----

--- Intervenção do senhor membro da assembleia, **José Manuel Barbosa Outeiro (PSD)** ---

“Ao assinalar os quarenta anos do 25 de Abril, queremos que esta data não seja esquecida, mas, principalmente, que os valores que o 25 de Abril nos trouxe, possam ser lembrados e transmitidos às novas gerações. Os valores da Democracia, da participação cívica, da liberdade, do espírito crítico não podem nem devem ficar amarrados apenas a conceitos ideológicos ou a discursos voltados para o passado. Os valores referidos, têm que ser transmitidos às novas gerações de uma forma livre para que possam ser compreendidos e agarrados como desafio e algo que desperte o seu interesse. A tentativa de fazer do 25 de Abril uma apropriação de apenas uma facção ideológica e propriedade só de alguns, poderá levar a um distanciamento da sociedade e a um desvalorizar dos verdadeiros valores de Abril. Todos devemos defender e procurar preservar aquilo que de bom o 25 de Abril nos trouxe, a Democracia e a Liberdade. Muitos dos que hoje aqui estão já nasceram e cresceram em Democracia. A responsabilidade que temos foi-nos dada pelo voto do povo e o valor desse voto não pode ser ignorado nem menosprezado. Devemos refletir sobre o sentido da responsabilidade e do respeito que cada cidadão exerceu ao confiar o seu voto em nós. O direito de voto foi uma das conquistas do 25 de Abril, por isso o combate à abstenção, o perceber o porquê da política e dos políticos, muitas das vezes estarem desacreditados, é um dos maiores desafios, para que uma das principais bandeiras conquistadas com o 25 de Abril, não seja, hoje, um dos direitos conquistados mais desprezado. Um país com oitocentos anos de história, tem muitos valores e momentos que nos devem orgulhar. A história de um país não pode ser ignorada nem esquecida, mas deve servir de inspiração e esperança para o futuro das novas gerações e esse orgulho na nossa história e no nosso passado, pode motivar os nossos jovens a encarar este país com outra esperança. A educação foi uma das grandes vitórias do 25 de Abril. O acesso ao ensino é indicador das claras mudanças que o 25 de Abril fez neste país, nos últimos quarenta anos. Os níveis de ensino melhoraram, o acesso ao ensino passou a ser livre e muito mais acessível a todos. O país deixou-se envergonhar com uma taxa de analfabetismo que rondava quase os quarenta por cento. A população hoje é muito mais informada, é muito mais atenta, é muito mais interessada, graças àquilo que a



escolaridade nos permitiu. Hoje, temos escolas e universidades que se podem ser comparadas àquilo que de melhor há no mundo. Isto não significa que tudo esteja bem, não! Há muito a fazer, queremos melhor qualidade, queremos maior exigência e responsabilidade. Queremos que os jovens não sejam enganados e que os seus estudos e formação ajudem a tornar este país mais competitivo e mais moderno. Que a sua formação possa ir de encontro às necessidades do país e das empresas e não uma formação para criar um mundo de ilusão e sem perspetivas de futuro. Com Abril, também as mulheres passaram a ter um papel mais presente e fundamental na constituição da Democracia. Hoje, vemos a sua participação e a sua presença em todos os órgãos da Democracia. A sua participação, esperemos que seja feita de forma natural e com mérito e não apenas para responder a cotas fixadas. Também não podemos ignorar o papel e autonomia que as autarquias e o poder local ganharam nestes quarenta anos. As condições de vida e a qualidade de vida das nossas populações são hoje incomparavelmente melhores do que aquelas que existiam antes de Abril de setenta e quatro. As condições de água, saneamento, habitação, melhores escolas, melhores espaços desportivos, parques urbanos, polidesportivos, espaços culturais, etc., são hoje comuns e uma realidade com a qual todos nós hoje temos acessibilidade, todos nós hoje, temos facilidade de acesso, a um conjunto de infraestruturas que eram inimagináveis, há quarenta anos, para muitos dos nossos cidadãos. Saibamos valorizar e preservar, assim como gerir todos estes equipamentos que hoje temos ao nosso dispor e que são um sinal positivo do trabalho excelente que as autarquias e os autarcas têm feito ao longo destes anos. Temos a tentação de desvalorizar, só ver o lado negativo, mas, mais cidadania, mais participação, maior sentido de responsabilidade e mais exigência com os decisores políticos, não é um papel reservado só para alguns, é algo que deve fazer parte da nossa cultura e do nosso dia-a-dia. Hoje, o país vive uma nova realidade, após a ilusão dos anos dourados da adesão à União Europeia, temos que ter consciência dos nossos deveres e das nossas responsabilidades. Um país, não se constrói só com direitos, também é preciso inculcar aos cidadãos, sentido de dever e cumprimento das suas responsabilidades. A esperança que estes tempos sejam encarados com a determinação dos nossos descobridores de mil e quinhentos, passando o Cabo Bojador e o Cabo das Tormentas, possamos encontrar a bonança e os ventos favoráveis a um novo rumo e a uma nova



esperança. Este concelho, em quarenta anos, viu a sua principal indústria resistir a todas as crises, viu os seus industriais a encontrar novos mundos e novos mercados, viu a sua população aqui a encontrar trabalho e esperança num futuro, que, certamente, Abril será sempre um motivo de esperança, de alegria, de defesa dos valores, da liberdade e da Democracia. Viva a liberdade, viva a Democracia, viva Portugal.-----

--- Intervenção do Senhor **Presidente da Câmara Municipal**:-----

“Senhor Presidente da Assembleia Municipal em exercício, respetiva Mesa, senhores Vereadores colegas do Executivo Municipal, senhores membros da Assembleia Municipal, minhas senhoras e meus senhores, permitam-me nesta saudação e nesta sessão evocativa do 25 de Abril, saudar todos os que estão presentes nas galerias também, porque são a esmagadora maioria autarcas ou ex-autarcas, que são aliás, a génese da organização deste evento e que estão na base da decisão de convocarmos esta Assembleia Municipal, porque a eles se deve muito do desenvolvimento do concelho de Paredes nos últimos quarenta anos. Queria começar a minha intervenção por partilhar convosco algumas perspetivas que tenho sobre a evolução da história de Portugal. Portugal conta com quase 900 anos de história. E nestes quase 900 anos de história o nosso País viu passar ao lado muitos dos grandes movimentos culturais da humanidade. Se olharmos para o passado vemos que, além do românico ter chegado tarde a Portugal, do clássico ter chegado tarde, de termos tido o neoclássico tardio de nem termos tido sequer iluminismo, porque esse ficou no Brasil independente, e, se quisermos lembrar nomeadamente a Revolução Industrial, chegaremos à conclusão que a Revolução Industrial nem sequer chegou a Portugal. Poderá então questionar-se se Portugal está naquele grupo de países, naquele grupo de nações que viu a liderança cultural das ideias da democracia implementadas numa primeira fase - a resposta é evidentemente não. Portugal também teve democracia tardia. Infelizmente a democracia apenas chegou a Portugal em 1974 e obviamente que estes 40 anos de democracia padecem muito do facto de sermos uma democracia jovem. Somos um País que apesar de tudo tem um contributo notável no que diz respeito aos descobrimentos. Somos um País que num determinado período da história da humanidade, aí sim, soube estar à frente e soube aproveitar a importância do conhecimento e da ciência que entretanto detínhamos. Mas de então para cá perdemos essa competitividade. E perdemo-la principalmente porque quem governou este País em



autoritarismo ou em democracia débil, como foi o caso da primeira República, não teve capacidade de dotar o País, de dotar a sociedade e as comunidades de capacidade competitiva, leia-se conhecimento. E é esse conhecimento que nos levará a dar o passo seguinte. É através do conhecimento, é através da educação, é através da transferência de conhecimento das universidades para as empresas que nós conseguiremos dar o passo definitivo em direção ao acompanhamento absolutamente fundamental das grandes ideias da democracia, das grandes ideias da humanidade. Tenho especial simpatia por aquilo que são as denominadas causas fraturantes. Entendo, que num passado recente vários Governos tenham levado à Assembleia da República ou se quiserem vários Partidos tenham levado à Assembleia da República, temas fraturantes como a questão do aborto, como a questão do casamento de pessoas do mesmo sexo. Tenho simpatia por essa progressão, tenho simpatia por um País que se quer igual e se quer respeitar e que quer respeitar e que quer criar condições de respeito entre os iguais. No entanto Portugal tem que ser mais ambicioso. Portugal não pode ser medíocre. Portugal e os portugueses, e nós concretamente aqui em Paredes, temos de ser ambiciosos. Ficar conforme estávamos significava continuar atrás da linha. Ficar conforme estávamos significava deixar os outros fugirem no desenvolvimento económico, social e cultural e é por isso fundamental que os autarcas de hoje, porque tem uma agenda diferente dos autarcas de 1974, tenham a consciência que os tempos mudaram e nós naturalmente temos que mudar conforme essas tendências. Quero aqui fazer a apologia dos autarcas de 1974. Naturalmente que todos os demais. Mas os de 74 porque numa época quente como foi aquela, souberam e tiveram a capacidade e a vontade e a disponibilidade e a coragem de vir às sedes de município. No caso concreto, aqui em Paredes, nesta sala onde houve verdadeiros reboliços. Onde se discutiram causas mais ou menos apaixonadas mas de onde saíram, naturalmente fruto da democracia, executivos eleitos por sufrágio universal direto pela primeira vez em Portugal e que deram ao poder local uma vitória importantíssima da democracia portuguesa, aquele elemento que faltava para o desenvolvimento dos territórios fora das grandes cidades. Paredes não ficou à parte deste movimento que eu chamo cultural. Paredes não ficou à parte. E nestes 40 anos permitir-me-ão os senhores membros desta Assembleia que refira o papel excepcional que o meu Partido assumiu em 20 desses anos em democracia. Perdoar-me-ão, naturalmente, que nesta cerimónia não



*
MUNICÍPIO DE
PAREDES
ROTA DOS MÓVEIS

deixe passar sem referência a importância do contributo dos autarcas do meu Partido, e tenho pena que, naturalmente, não tenha sido feito essa referência por os interlocutores anteriores, mas tenho que referir aqui o imenso trabalho de qualidade dos autarcas do meu Partido e agradecer-lhes. Quando se escrever a história do concelho de Paredes deste período, dir-se-á certamente, que há um antes e um depois do PSD na Câmara Municipal e há um antes e um depois do PSD nas juntas de freguesia. Quero no entanto e porque respeito muito o trabalho de todos os autarcas agradecer e dar os parabéns a todos aqueles que de uma forma desinteressada desempenham os seus cargos e fizeram das suas freguesias, dos seus pelouros, da câmara municipal ou assembleia municipal, um lugar digno de desempenho de um cargo público, um lugar digno de desempenho das suas ideias e dos seus ideais. Quero dizer-vos que tomei a decisão de criar um quadro de honra para referir todos os presidentes das assembleias municipais e todos os presidentes das juntas de freguesia desde 1974. Tomei essa decisão não querendo com isso dizer que é menos importante o trabalho dos autarcas anteriores à revolução de 1974, mas estes foram eleitos por sufrágio universal direto. Estes são representantes do povo de uma forma diferente. Claramente mais legitimados, claramente o modelo que nos apaixona, claramente o modelo que nos faz seguir e eu que quero aqui fazer a apologia dessa gente. Alguns já cá não estão. Já lhes prestamos o momento de silêncio em honra e memória do seu contributo. Quero fazer aqui referência a todos aqueles que deixaram as suas famílias por períodos maiores ou menores, dependendo do seu desempenho dos seus mandatos, para dedicar à sua comunidade. Quero aqui fazer a apologia de todos aqueles que deram o seu tempo em prol do desenvolvimento da sua freguesia, do seu lugar, da sua cidade, da sua aldeia, da sua vila do seu concelho. O trabalho que os autarcas do concelho de Paredes fizeram desde o 25 de abril deve encher-nos de orgulho. O trabalho dos autarcas indiferenciadamente fizeram em cada uma, é o reflexo da capacidade que cada um teve e que cada um podia desenvolver. É por isso que eu acho que é completamente justo, é por isso que eu acho absolutamente reconhecido este papel aos autarcas e é por isso que a partir de hoje os seus nomes estarão gravados numa das paredes dos corredores da Câmara Municipal, como aliás tiveram oportunidade de verificar. Será inaugurada daqui a pouco. Vou convidar o Senhor Presidente da Assembleia Municipal em exercício a descerrar o quadro do primeiro mandato de 77 a 79 e eu inaugurarei ou descerrarei o



quadro do último mandato, ou seja o mandato de 2009/2013. Quero, para terminar, dizer-vos o seguinte, o concelho de Paredes tem desafios e as pessoas que estão nesta sala sabem quais são os desafios do concelho de Paredes. Naturalmente que, o maior desafio tem de continuar a ser a educação. Nós estávamos em níveis que não são níveis de desenvolvimento humano. Mas os resultados que conseguimos até agora, são resultados que apenas nos responsabilizam para o futuro. É absolutamente fundamental que a nossa agenda em torno da educação, em torno da qualificação das pessoas continue. Abandonar estes projetos significa abandonar a vontade e a ambição de crescer. Significa abandonar a vontade e a ambição de fazer desta terra uma terra diferente e para melhor, e desde logo quero aqui dizer-vos que o prémio Regio Stars que recentemente foi atribuído a Paredes, ouviram bem eu não disse à Câmara Municipal de Paredes, o prémio foi atribuído a Paredes, foi atribuído às empresas de Paredes, aos trabalhadores das fábricas participantes, aos designers, às universidades, às escolas de Paredes, a todos os parceiros e naturalmente a nós também autarcas que organizamos e desenvolvemos este projeto. Quero dizer-vos que tendo sido esta a maior distinção de sempre de que há memória do concelho de Paredes, não podemos desvalorizar um título, um prémio, que nos foi entregue pela Comissão Europeia valorizando um projeto de entre 27 países candidatos e enaltecer naturalmente o facto de termos conseguido vencer uma distinção que nos deve honrar a todos e que deve ser uma referência para o futuro. Minhas senhoras e meus senhores, vou terminar dizendo-vos, tenho esperança que daqui a 40 anos os indicadores sócio culturais e económicos do nosso território sejam naturalmente melhores. Provavelmente os que estão ali em cima e alguns dos que estão aqui há muitos, muitos anos dirão, vive-se muito melhor em Paredes e em Portugal do que se vivia em 1974. A crise que nós hoje vivemos não nos pode afastar de um ideal. Pode ser o ideal de abril, pode ser o ideal da humanidade, pode ser um ideal a que todos temos direito de viver melhor. O que é importante é que nós não olhemos para a conjuntura que vivemos com uma perspetiva derrotista. Portugal teve momentos muito negativos na sua história e este é apenas mais um. Este momento não põe fim a Portugal, não põe fim às nossas ambições, não põe fim aos ideais de abril e nós não podemos deixar que isso aconteça. Depende, naturalmente e localmente de cada um de nós, depende de nós na Câmara Municipal, depende dos senhores membros desta Assembleia Municipal, depende dos senhores



Presidentes de Junta e depende da nossa comunidade. Perante vós renovo o meu compromisso de continuar naturalmente estes ideais que são ideais de abril. Muito obrigado a todos, um bem-haja e muitas felicidades. Viva Paredes. Viva Portugal.”-----

Tomou novamente a palavra o Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, em substituição, renovando o convite inicialmente feito a todos os presentes referente à homenagem/evocação aos ex-Autarcas.-----

--- E nada mais havendo a tratar, pelo senhor Presidente da Mesa, em substituição, foram encerrados os trabalhos sendo onze horas e cinquenta minutos.-----

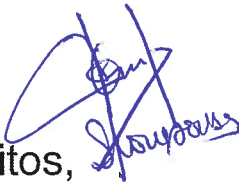
---E para constar se lavrou a presente que, depois de lida e achada conforme vai ser assinada.-----

--- E eu, Sandra Ivone Moreira da Silva, técnica superior, em substituição de Ricardo Alexandre Silva, Técnico Profissional Especialista Principal, destacado por despacho do Exmo. senhor Presidente da Câmara Municipal, para apoio administrativo à Assembleia Municipal, a redigi e assino conjuntamente com Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal.-----



Desde o 25 de Abril de 1974, sempre que temos um problema na nossa sociedade – e temos tido muitos problemas – atribuímos isso à democracia. Quando os problemas se agudizam, aumentam as vozes a falar das saudades de como era antes, há pessoas que dizem que havia mais segurança, mais estabilidade, mais respeito, mais rigor. Há um fenómeno psicológico que faz com que esqueçamos as coisas más em relação a acontecimentos passados, porque isso nos ajuda a manter o nosso equilíbrio mental. Mas se estamos aqui hoje, a assinalar os 40 anos de uma revolução que, sem ser sangrenta, nos fez sangrar muito, emocionalmente, enquanto povo, é porque é preciso que nunca se esqueça o que foi esse passado. E lembrar sempre que a democracia salvou-nos desse passado em que uma grande parte das nossas crianças morria ao nascer ou na infância de doenças que hoje são comuns ou estão erradicadas, que muitas mulheres morriam no parto e sem acesso a um hospital, em que muita população nunca aprendia a ler ou a escrever e, aqueles que aprendiam, aprendiam durante poucos anos. É preciso nunca esquecer que neste país havia miséria, fome, ignorância, doença, obscurantismo e que havia respeito – respeito por causa do medo. Havia muito medo e muito silêncio.

A democracia não trouxe problemas por ser democracia. Trouxe liberdade de expressão e quando as pessoas são livres, são livres para fazerem coisas boas e coisas más, para escolherem bem e mal, para serem boas pessoas ou más pessoas. Não podemos esperar que a democracia chegue até nós como D. Sebastião ou como um milagre, que por si só vai resolver os nossos problemas enquanto sociedade, enquanto Estado. A democracia significa poder do povo e o que é preciso é que o povo utilize esse poder. E não ficar à espera que o seu voto de 4 em 4 ou de 5 em 5 anos vá resolver os problemas porque estamos em democracia. E mesmo assim, temos taxas de abstenção de mais de 60%. Se nem sequer usamos o direito de voto – que só alguns portugueses tinham antes do 25 de Abril – como podemos sequer reclamar que os nossos problemas vêm da democracia?



Democracia é intervenção, participação, deveres e direitos, liberdade e cidadania. Eleger os nossos representantes políticos é apenas uma das vertentes da democracia. Há outras vertentes, que dependem de nós, no nosso dia-a-dia. É fundamental o nosso envolvimento nas causas públicas – nas causas da saúde, da educação, da inclusão, dos direitos fundamentais, na luta contra a pobreza e na luta contra a corrupção, o enriquecimento ilícito.

Não podemos sentar-nos à sombra da democracia, nem querer dormir no seu colo. Ela é a base para o trabalho, o compromisso, o esforço e a responsabilidade que temos que ter enquanto cidadãos de Portugal. Muitos de nós vivemos nesse tempo de escuridão, miséria, doença, que só para muito poucos era um tempo bom. Muitos de nós, como eu, tivemos o privilégio de assistir ao momento em que se fez primavera neste país. E agora, cabe-nos manter esses princípios de direitos, deveres, liberdades e garantias para todos, com a participação de todos.

A democracia não é um milagre, é uma conquista e é um trabalho permanente. A democracia não é um problema, é um regime que, por assentar na liberdade, não esconde os problemas e por isso temos que os encarar. Estamos numa conjuntura muito difícil, em que a vida de quase todos nós piorou. Todos temos uma opinião sobre isso, conforme a nossa experiência de vida, as nossas ideias políticas. É muito cómodo questionar a democracia nestas circunstâncias, mas antes uma democracia que dá trabalho do que uma ditadura que nos tapa os olhos, nos proíbe os pensamentos, nos condiciona as escolhas, nos obriga a ser de uma determinada maneira, nos impede o acesso ao conhecimento, à saúde, à educação, ao futuro.

Há 40 anos, Portugal estava prestes a conhecer um movimento militar, onde jovens Capitães, cheios de esperança e querer, protagonizaram e alcançaram o que outros tinham tentado: retirar o País de um regime ditatorial, em que o atraso era demasiado evidente e o progresso tardava em aparecer.

A implementação de um regime democrático, a igualdade entre os sexos, saúde e ensino para todos, o fim da guerra colonial e um desenvolvimento mais harmonioso do País, dotando-o de vias de comunicação, infraestruturas e equipamentos que possibilitassem recuperar do atraso que tínhamos perante uma Europa, então pujante e tecnologicamente imbatível, foi um dos objectivos da Revolução. Era urgente encurtar essa diferença e abrir os horizontes de quem lambia as feridas da guerra colonial e seguia uma política do "orgulhosamente sós".

Não diria que estes desideratos não foram conseguidos, embora alguns de uma forma não muito feliz, como a entrega das ex-colónias e o verdadeiro desbaratar de dinheiro em obras de utilidade reduzida ou nula. Mas o serviço nacional de saúde, o ensino para todos, e a liberdade democrática foram os maiores bem que o 25 de Abril nos trouxe, o que certamente ninguém ousa questionar.

Existe também alguns factos que nestes 40 anos nos preocupam. A natalidade diminuiu de 20 para 8,5 por mil, na década de 70 Portugal era o País menos envelhecido da Europa, hoje é o 6º mais envelhecido do mundo, a emigração era 9,2%, hoje é 11,5%, e o desemprego está numa taxa das mais elevadas da nossa história. Há mais factos positivos: os licenciados aumentaram de 1% para 15%, os médicos passaram de 94 para 417 por cada 100.000 habitantes e taxa de mortalidade infantil passou de 45 para 3,5 por mil. Será necessário corrigir algumas situações preocupantes, como as já referidas falta de natalidade e a taxa de desemprego, que são a principal base de sustentabilidade de uma nação, e manter aquelas onde o nosso desenvolvimento ombreia com a Europa.

Durante os últimos 40 anos assistiu-se a uma bipolaridade em termos de poder. Portugal, salvo os governos de iniciativa Presidencial, só teve em termos de liderança governativa PS ou PSD. Como num jogo de futebol, ora atacas tu e defendo eu, ou vice-versa, ora sou eu o Campeão ora és tu, e eventualmente quando os resultados estavam empatados, iam buscar alguns reforços a outra equipa para desequilibrar, e fazer a balança pender para o Laranja ou para o Rosa, conforme a tabela classificativa da altura. Isto criou um estado esbanjador, tanto a nível central como a nível local, de forma a que as clientelas e os aparelhos partidários se mantivessem a trabalhar para que as respectivas equipas partidárias se eternizassem na governação. O imobilismo floresceu. Enquanto alguns esfregavam as mãos e gozavam os privilégios, outros foram perdendo a esperança, porque foram educados com uma máxima, a nação é de todos, mas também deve ser igual para todos.

E agora que a Troika se vai embora, vem novamente à memória de todos a senha musical do 25 de Abril "E depois do Adeus". A saída vai ser à irlandesa ou com programa cauteloso. Eu optava por uma saída à francesa, mas os nossos governantes afirmam a plenos pulmões que estamos melhor. Oxalá que sim, mas também ouvimos que vivemos 40 anos acima das nossas possibilidades, que gastamos demais. Eu pergunto: nunca governei Portugal, nunca gastei dinheiros de apoios comunitários, como é possível que tenha gasto demais. Quem nos governou é que foi incompetente, não tiveram capacidade para transformar o País, e esses sim, gastaram o que não era deles. Mas nem todos tiveram prejuízo. Construíram-se fortunas faraónicas, por parte de alguns que de seu só tinham o nome, mas agora todos estamos a pagar, principalmente aqueles que menos possibilidades têm e menos viram as suas condições de vida melhorarem nestes 40 anos.



E agora como se devem sentir aqueles que possibilitaram há 40 anos, com a sua bravura e arrojo, a existência um parlamento livre, em que os seus representantes sejam aqueles em quem os portugueses votam, se expressam de uma forma livre, sem o lápis da censura. Como se sentirão agora na pele de convidados, só para baterem palmas, sem poder expressar a sua opinião, logo no dia que eles próprios criaram. Os que arriscaram a sua vida, cumprindo o seu sonho e de todos os Portugueses, de tornar Portugal uma Nação livre. Como devem ter tantos sonhos traídos.

Esta é minha visão destes 40 anos de 25 de Abril. Haverá outras, nem todos concordarão com ela. É o resultado da liberdade.

Razão por si só mais do que suficiente para que se diga, acima de tudo: 25 de Abril sempre!

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal de Paredes

Exmos. Membros da Mesa da Assembleia Municipal de Paredes

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Paredes, e restantes vereadores

Exmos. Srs. Presidentes de Junta de Freguesia e restantes membros da Assembleia Municipal

Exmo. Público, aqui presente

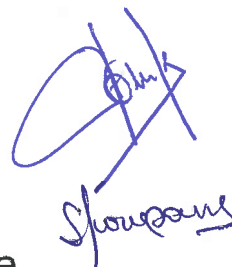
Minhas Senhoras e meus Senhores,

Cumprimento em nome da bancada da CDU nesta Assembleia todos os presentes nesta cerimónia evocativa e através dos eleitos, representantes do povo, toda a população do Concelho de Paredes

Comemoramos agora os 40 anos da conquista da Democracia e da Liberdade. Congratulamo-nos por o fazer em Paredes nesta Casa da Democracia.

O 25 de Abril, que queremos aqui sublinhar, não é somente uma data histórica a recordar, um momento irrepetível e transcendente, protagonizado e vivido por gente com rosto e entusiasmo num passado mais ou menos longínquo, em 1974.

Não é somente o final de uma página negra da história de Portugal, de repressão, de analfabetismo, de isolamento internacional, de emigração, da guerra colonial, de censura, de ditadura. Página onde emergiram igualmente resistentes heróicos, actos de abnegação e coragem, lutas persistentes, vidas conseqüentes, a unidade antifascista e o Partido de classe, o PCP.



O 25 de Abril, que queremos evocar, não é somente um registo de recordações e emoções, vertidas em imagens de multidões e de soldados - povo em armas, vertidas em rimas e poemas, em músicas que cantam a liberdade e cheiros a flor e cravo.



O 25 de Abril, que nos atrevemos a redescobrir, não é somente o curso de uma institucionalização democrática, de uma estabilização política, ou um texto constitucional onde se plantou um consenso teórico posteriormente desvirtuado e as regras da vivência em liberdade, nem é somente o exercício do Poder legítimo.

O 25 de Abril, que hoje nos inquieta e portanto nos mobiliza, não é um limitado guião de um percurso discutível e insatisfatório, que "contabilistas" avaliam em méritos e deméritos, mas que merece cuidada e séria reflexão.

Para nós, e para além disso, que já é muito, o 25 de Abril é um sonho, um ideal, uma esperança agora tantas vezes agrilhoada, uma inquietação perante a injustiça, a desigualdade, a miséria e a corrupção, um conjunto de valores, uma mão cheia de conquistas (direito à saúde, direito à educação, direito à habitação, direito a trabalho digno e remunerado, direito à cultura, lazer e desporto, direito a viver em paz).

Não queremos ser acusados de ser proprietários exclusivos desse sonho. Não o somos, nunca o seremos. Mas não nos retiramos, ao contrário de outros, da trincheira do exercício da resistência e da mobilização na defesa dos interesses nacionais e populares.

E tempos próximos impõem uma concretização de uma atitude propositiva e fundamentada. Falamos da mobilização para o esclarecimento e votação no próximo dia 25 de Maio. Que não siam ilibados quem tem ou teve responsabilidades pela situação actual. Por isso, quem tem memória não esquece e deve traduzir a sua revolta em voto consciente.



Portugal, o nosso País, graças às políticas dos partidos do chamado arco da governação (PS, PSD e CDS), e ao rotativismo político de décadas, em que se sucede a mesma orientação, alternando-se os protagonistas, caminha para um abismo, de onde dificilmente sairá. Destrói-se o **Estado Social**, construído ao longo de gerações, compromisso inter-geracional, e factor de coesão social e inter-territorial, expressão de progresso na Saúde, na Educação, no Trabalho e na Segurança Social. Privatizam-se serviços públicos, alguns deles entregues ao capital estrangeiro, sem qualquer benefício quanto á qualidade e preço desses serviços nem asseguradas riqueza e contribuições significativas para o Orçamento de Estado. Falo da ANA, da EDP, dos CTTetc.

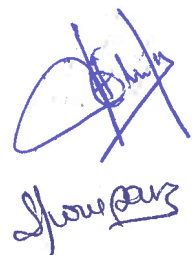
Alega-se um pretenso despesismo do Estado, quando é a dívida privada um factor fundamental de desequilíbrio orçamental e da Balança Comercial. Alega-se uma pretensa **insustentabilidade** de políticas sociais e de rendimento, expresso no ridículo slogan “**vivemos acima das nossas possibilidades**” quando são catastróficas as consequências de políticas de austeridade cega, de “**baias**” orçamentais de um Tratado absurdo da União Europeia e de redução do investimento público.

A economia estiola, ausente o consumo interno, fragilizadas as condições objectivas da sua competitividade (preço da energia, telecomunicações, crédito, formação profissional, experiência e estabilidade profissional). Acena-se com o problema demográfico, o envelhecimento da população e entretanto desvaloriza-se o trabalho, aumenta-se a precariedade, cortando salários e pensões, incentivando o desemprego, colocando nos mais velhos, muitas vezes já reformados, a responsabilidade de suportar a sobrevivência de filhos e netos. O tecido produtivo, nomeadamente de pequenas e médias indústrias, foi paulatinamente destruído, nomeadamente após a adesão à EU e à institucionalização do Euro, operação não preparada e de impacto trágico para uma pequena economia periférica como a portuguesa.

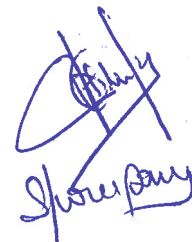
É o capital financeiro que verdadeiramente preside em Lisboa, Bruxelas e em Berlim, enredados os povos em lógicas de eliminação da consciência colectiva e de supressão da participação popular, com um capitalismo desenfreado, sem respeito pela condição humana e pelo destino da própria humanidade.

Pátria - Lugar de Exílio. Pátria Madrasta para novos e velhos, obrigados a emigrar, tantas vezes para lugares distantes, para conseguir obter o PÃO QUE O DIABO AMASSOU. São inúmeros os exemplos. Inúmeras as recriminações para os chamados partidos do arco da responsabilidade ... responsáveis, sim, pelo estado a que isto chegou!

Somos o País mais desigual da União Europeia, onde cresce mais o fosso entre os mais ricos e os mais pobres.



Aumentam os lucros dos grandes grupos económicos e diminui o rendimento das famílias e dos trabalhadores. Há que em nome de Abril dizer NÃO!



Somos um País dependente da agiotagem de credores, da voragem dos “mercados”, do livre arbítrio de grandes potências estrangeiras, que ditam as condições do presente e limitam as esperanças do futuro. Vivemos sob o jugo de um Pacto de Agressão, estabelecido por imposição de instâncias supranacionais e aceites por instituições internas.

Falamos em nome de camadas e sectores atingidos por esta rapinagem voraz que tem no Governo PSD/ CDS de Cavaco /Passos Coelho e Paulo Portas o seu instrumento governativo. Falamos dos Trabalhadores da Administração Pública, da Juventude, dos Reformados e Pensionistas. E tantos outros afectados nos seus direitos fundamentais.

Hoje como antes de 25 de Abril de 2014, há quem considere o Povo Português despolitizado, apático e conformado. Mas a verdade é que, apesar de tantas dificuldades, não deixou cair os braços. Tem os olhos na Revolução de Abril cujas marcas e valores são sementes de futuro.

Sentir Abril é dizer que o futuro pode ser diferente, um futuro de paz, liberdade, saúde, educação, com direitos. Sentir Abril é romper com o passado, com os seus limites, e avançar num Portugal independente e de progresso.

Nesta Assembleia permanecerão no futuro diferentes sensibilidades e opiniões. Mas acredito, nós acreditamos,

ser possível uma identificação comum com o diagnóstico
feito e com muitas das propostas apresentados. Todos nós,
membros desta Assembleia, somos ABRIL. QUE NINGUÉM
SE DIMITA NAS RESPONSABILIDADES FUTURAS.


Handwritten signature in blue ink, possibly reading 'Cristiano Ribeiro'.

Porque todo o tempo é de Abril, quando de luta é
feito o tempo que vivemos. Abril vive, Abril viverá!

Disse.

Cristiano Ribeiro

(pela bancada da CDU)

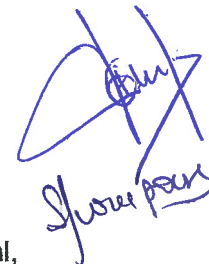
Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal,
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal,
Exmos. Senhores Vereadores,
Digníssimo Público,

Hoje, não comemoramos simplesmente um dia, celebramos a coragem de um grupo de militares e a vontade de mudança de um povo que, ao final de 40 anos, não deverão ser esquecidas. Este dia é muito mais que simplesmente uma data, é uma viragem da nossa história coletiva, um novo rumo e a afirmação dos direitos mínimos e indispensáveis a uma sã e justa vivência em comunidade.

Tal como Mário de Carvalho refere no seu Manifesto (Setembro, 2012) “Eu nunca fui obrigado a fazer a saudação fascista aos «meus superiores». (...) Eu nunca vi os colegas mais velhos serem levados para a «milícia», para fazerem manejos de arma com a Mauser. (...) Eu nunca fui sujeito ao culto do «Chefe», «chefe de turma», «chefe de quina», «chefe dos contínuos», «chefe da esquadra», «chefe do Estado». Eu nunca fui obrigado a ouvir discursos sobre «Deus, Pátria e Família». (...) Eu nunca tive manuais escolares que ironizassem com «os pretos» e com «as raças inferiores». (...) Eu nunca fui obrigado a ler textos escolares que convidassem à resignação, à pobreza e ao conformismo; (...) Eu nunca tive que esconder livros e papéis em casa de vizinhos ou amigos. (...) Eu nunca soube de gente pobre espancada, vilipendiada e perseguida (...) Eu nunca soube da lei do silêncio (...) Eu nunca vi a minha vida devassada, nem a minha correspondência apreendida. (...) Eu nunca tive alucinações, nunca tombei de cansaço. (...) Eu nunca vivi num regime de partido único. Eu nunca tive a infelicidade de conhecer o fascismo.”

A 25 de Abril de 1974, Portugal abriu caminho para a Democracia, libertou-se da ditadura, da opressão e do colonialismo. Nesse dia, Portugal abriu caminho para a concretização do Serviço Nacional de Saúde.

Nesse dia, Portugal pôde começar a fazer do voto livre e universal uma afirmação de **Liberdade**. Nesse dia, Portugal pôde começar a construção de uma sociedade em que o acesso à educação pública passou a ser um dos pilares fundamentais da **Igualdade**.



Nesse dia, Portugal pôde também iniciar a construção de um ideal de Estado Social, em que todos os cidadãos vissem assegurados um conjunto de garantias de bem-estar social, em nome da **Fraternidade**.

Nesse dia, Portugal abriu as portas ao mundo, à cultura e a imprensa passou a desempenhar um papel ao serviço da informação. De forma livre e espontânea, cada um de nós exprime responsabilmente a sua opinião, crítica e comenta.

Nesse dia abriram-se as portas à igualdade de género e as mulheres começaram a desbravar o caminho contra o costume e a submissão a preconceitos.

Muitas outras áreas poderiam ser referidas, mas o mais importante, à laia de resumo, é que podemos afirmar, sem qualquer sombra de dúvida, que a denominada “Revolução dos Cravos” é uma conquista de Portugal e dos Portugueses que nunca será demais assinalar e enaltecer, restituindo aos Portugueses o que é dos Portugueses: os direitos e liberdades fundamentais.

Nesse dia, Portugal passou a basear-se na dignidade da pessoa humana e na vontade popular, empenhou-se na construção de uma sociedade livre, justa e solidária.

Todos estes direitos e princípios foram assentes na Constituição da República Portuguesa aprovada na sessão plenária da Assembleia Constituinte de 2 de Abril de 1976. Nunca é demais recordar parte do seu preâmbulo: “A Assembleia Constituinte afirma a decisão do povo português de defender a independência nacional, de garantir os direitos fundamentais dos cidadãos, de estabelecer os princípios basilares da democracia, de assegurar o primado do Estado de Direito democrático e de abrir caminho para uma sociedade socialista, no respeito da vontade do povo português, tendo em vista a construção de um país mais livre, mais justo e mais fraterno.”.

Muito poderia agora ser referido sobre a forma como as políticas do atual Governo, da maioria PPD-PSD e CDS-PP, estão a colocar em causa muitas das conquistas de abril. Mas porque o momento é de celebração, deixemos esse facto de lado por ora, pois a história se encarregará de julgar os responsáveis por um retrocesso civilizacional e social sem precedentes na nossa história. Assistimos, diariamente, à retroatividade proibida dos direitos fundamentais sociais e a uma aniquilação do

conteúdo material desses mesmos direitos adquiridos, reduzindo e desvirtuando a sua essência.

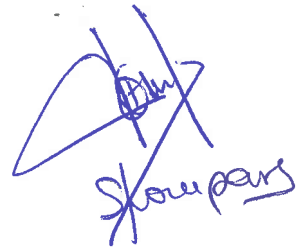
E, tal como Salgueiro Maia referiu na madrugada de 25 de abril de 1974, "Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de Estado. Os estados sociais, os corporativos e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegámos! De maneira que, quem quiser vir comigo, vamos para Lisboa e acabamos com isto. Quem for voluntário, sai e forma. Quem não quiser sair, fica aqui!".

Hoje, é responsabilidade de cada um de nós acabar com o estado a que chegámos e retomar os princípios de abril, centrar a atividade política na pessoa e no cidadão, colocando à margem os interesses corporativos e económicos.

Não obstante as breves considerações, importa, isso sim, enaltecer uma vez mais todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a concretização desta viragem histórica: militares, civis, democratas, antifascistas, todos aqueles que entenderam que era chegada a altura de dizer "basta!" a uma ditadura que corroía a dignidade, a determinação e o orgulho de Portugal e dos Portugueses.

Porém, importa ainda, enaltecer o trabalho de todos aqueles que, nos dias, meses e anos subsequentes à revolução dedicaram a sua vida, colocaram o seu esforço e empenho no bem comum. Todos aqueles que fizeram perdurar os ideais de abril, todos aqueles fizeram da Democracia uma prática. Todos aqueles que acreditaram, e acreditam, que a pessoa é a principal razão pela qual existe a política. Não trabalhamos para economias, trabalhamos para pessoas!

Todos estes homens e mulheres tornaram possível que hoje vivamos num clima de liberdade. Todas as palavras que possamos escolher poderão não ser suficientemente brilhantes para descrever a importância daquele dia, pelo que nada como usar aqui as palavras de um dos Grandes da nossa poesia, o poeta **Manuel Alegre**, com o seu poema "**Abril de Abril**":



“Era um Abril de amigo Abril de trigo
Abril de trevo e trégua e vinho e húmus
Abril de novos ritmos novos rumos.

Era um Abril comigo Abril contigo
ainda só ardor e sem ardil
Abril sem adjectivo Abril de Abril.

Era um Abril na praça Abril de massas
era um Abril na rua Abril a rodos
Abril de sol que nasce para todos.

Abril de vinho e sonho em nossas taças
era um Abril de clava Abril em acto
em mil novecentos e setenta e quatro.

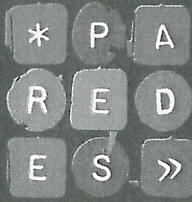
Era um Abril viril Abril tão bravo
Abril de boca a abrir-se Abril palavra
esse Abril em que Abril se libertava.

Era um Abril de clava Abril de cravo
Abril de mão na mão e sem fantasmas
esse Abril em que Abril floriu nas armas.”

Viva o 25 de abril! Viva Portugal!

Paredes, 25 de abril de 2014

Os representantes do Partido Socialista na Assembleia Municipal de Paredes



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO CONCELHO DE PAREDES FOLHA DE PRESENÇAS

**ASSEMBLEIA MUNICIPAL
 SESSÃO EXTRAORDINÁRIA
 2014/04/25**

NA QUALIDADE DE MEMBROS ELEITOS	P	F
Joaquim Moreira de Bessa a)	X	
Carla Cândida Pinheiro Carneiro a)	X	
José Manuel Barbosa Outeiro	X	
Andreia Filipa Mendes Silva a)	X	
Adelino Ribeiro da Costa a)	X	
Paulo Jorge Moreira da Silva	X	
Luciano Manuel Calheiros Gomes	X	
Joaquim da Silva Leal	X	
Joaquim Ferreira da Mota	X	
Silvestre da Silva Carneiro a)	X	
Álvaro dos Santos Pinto	X	
Maria Quitéria Leal Coelho Barbosa	X	
João Paulo Alves dos Reis		X
José Joaquim Leitão da Mota	X	
Ana Cristina Santos a)	X	
Mário Camilo Dias Alves da Mota	X	
Cláudia Isabel Alves Teixeira da Mota	X	
Ana Paula Monteiro Teixeira Gomes	X	
Rui José Fernandes da Silva	X	
Samuel António Leal Ribeiro	X	
António do Couto Ferreira	X	
Ana Filipa Ribeiro da Costa	X	
Rui Manuel Vasconcelos Pinto	X	
Cristiano Manuel Soares Ribeiro	X	
Mário Luís Tadeu Coelho da Silva	X	
Andreia Joana Morris Mendes	X	
José Pedro Nogueira de Sousa Nunes	X	

NA QUALIDADE DE PRESIDENTES DE JUNTA	P	F
Luís Alberto da Costa Teixeira	X	
Maria de Lurdes da Silva Meireles	X	
Maria da Conceição Reis Moreira Rosendo	X	
José Fernando Ribeiro dos Santos	X	
Joaquim Tomás Fernandes Correia	X	
Carlos Franclim Moreira da Silva	X	
Américo Augusto Moreira Gomes b)	X	
Paulo Alexandre Moreira Carvalho Ranito	X	
Fernando Nuno Leal Lamas Serra	X	
José Augusto da Silva Borges	X	
Agostinho Oliveira Pinto	X	
Francisco Augusto Ferreira	X	
Elias Acácio da Silva Barros	X	
Belmiro dos Santos Sousa	X	
João Manuel Nogueira Gonçalves	X	
André Filipe Barros dos Santos	X	
José da Cunha Magalhães	X	
José Ferreira da Cruz	X	

*Resolução da Assembleia Municipal
 por 12 votos a favor*

Observações:

- a) Em substituição do titular do cargo ao abrigo do n.º 1-art.º 78.º da Lei 169/99 de 18 Set.º com a actual redacção
- b) Em representação do titular do cargo ao abrigo da alínea c) do n.º 1 do art.º 38.º da Lei n.º 169/99 de 18 de Setembro com a actual redacção;
- c) Por suspensão do mandato do titular do cargo
- d) Por renúncia do titular do cargo
- e) Por falecimento da titular do cargo
- f) Justificou a falta

A Mesa da Assembleia

al.º 1 do n.º 1 art.º 18 do Lei 25/2013 de 22/09
 O Presidente
 1.º Secretário
 2.º Secretário
 Ana Paula Gomes

